



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

PORTO

  
SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO



Escolas de Sátão  
Agrupamento

# Desafios da Cidadania para a Escola do séc. XXI

José Matias Alves

Não esqueças  
que não existe alguma vez progresso  
quando o coração petrifica.

(Blaise Cebdrars



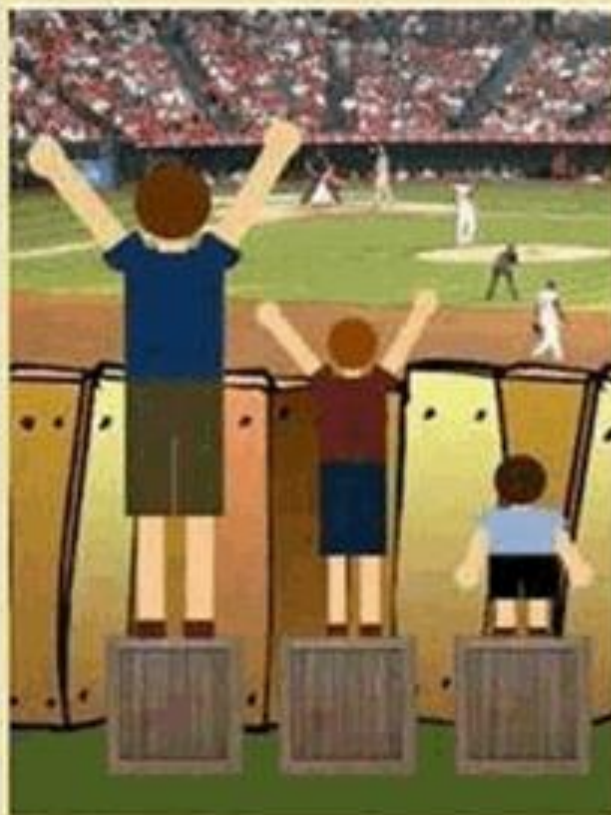
# Desafio da compaixão

Amo a razão. Considero que a razão é um meio de aumentar a distância em relação à realidade, um instrumento crítico absolutamente necessário e essencial. No entanto, a razão não garante a fuga à barbárie. A garantia contra a barbárie é a compaixão. (Philippe Meirieu)



# O Desafio da Justiça

**IGUALDADE NÃO SIGNIFICA JUSTIÇA**

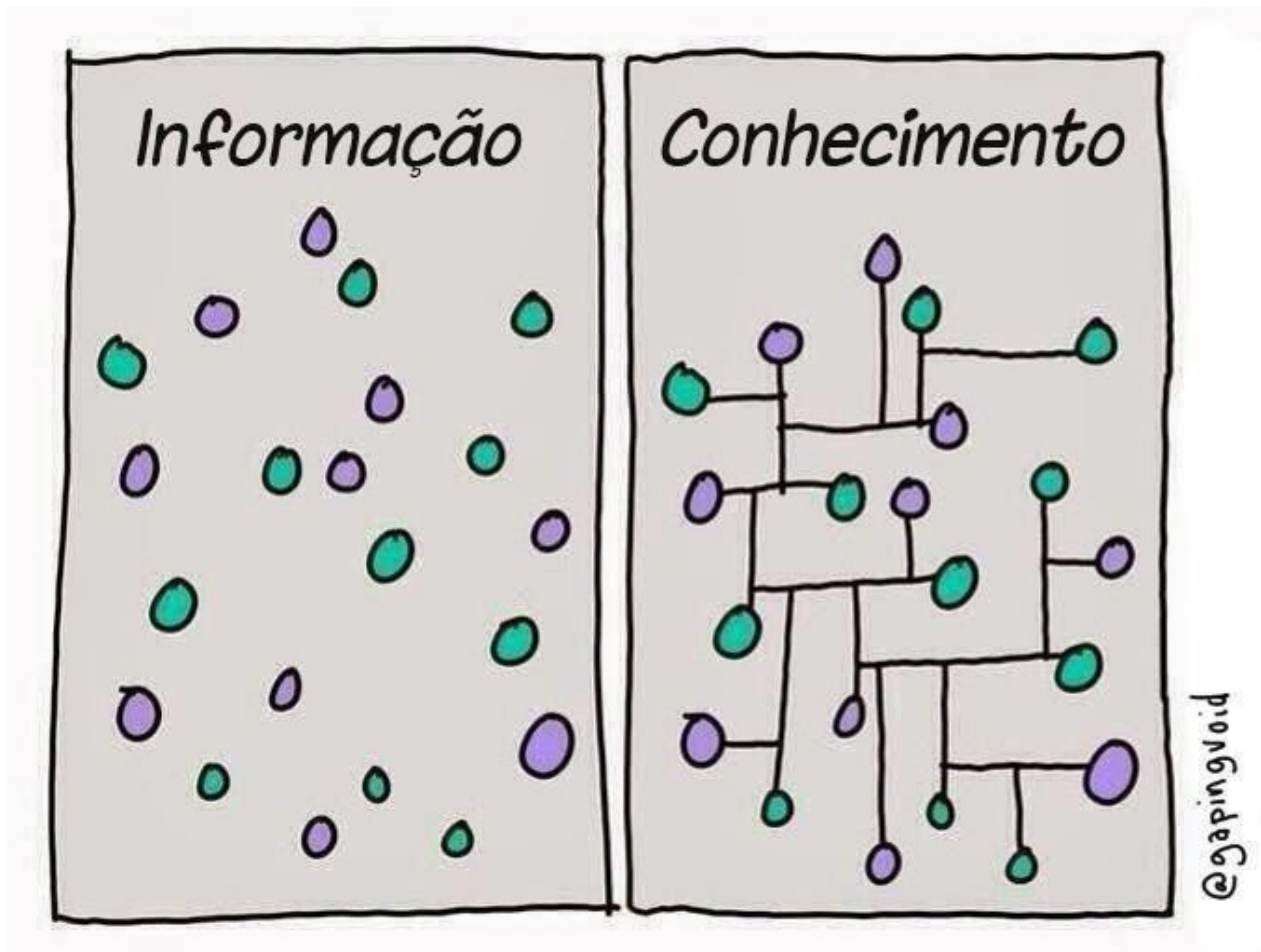


**IGUALDADE**



**JUSTIÇA**

# Desafio do conhecimento (que re\_liga, inclui e emancipa)



# Desafio da liberdade



# Desafio da responsabilidade

A origem etimológica da palavra responsabilidade é a do verbo latino respondere, que significa responder. Há quem não saiba responder pelos seus actos. Quem actua com a inconsciência de uma criança, com a estupidez de um imbecil ou com a maldade de um degenerado. Para que haja responsabilidade tem de haver liberdade. Se não fossemos livres não podíamos ser responsáveis. Estaríamos entregues ao determinismo biológico, psicológico ou social. Não basta ser livres.

- Responsabilidade de  
quê?  
- A responsabilidade de  
ter olhos quando os  
outros perderam.

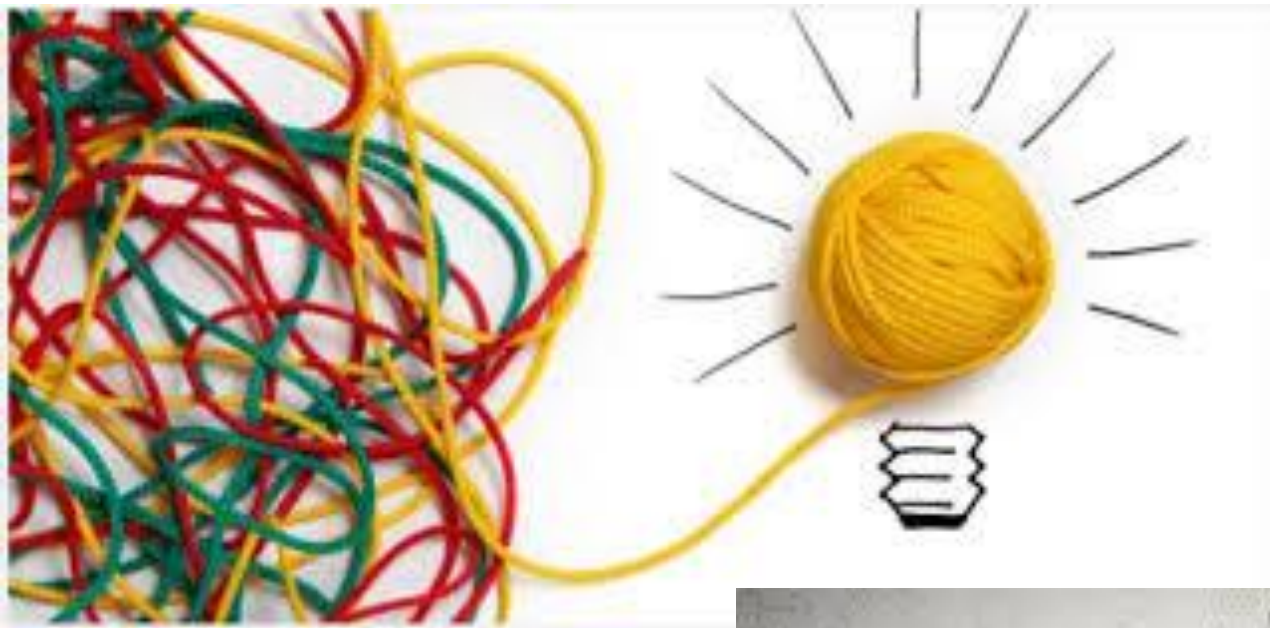
José Saramago

 PENSADOR



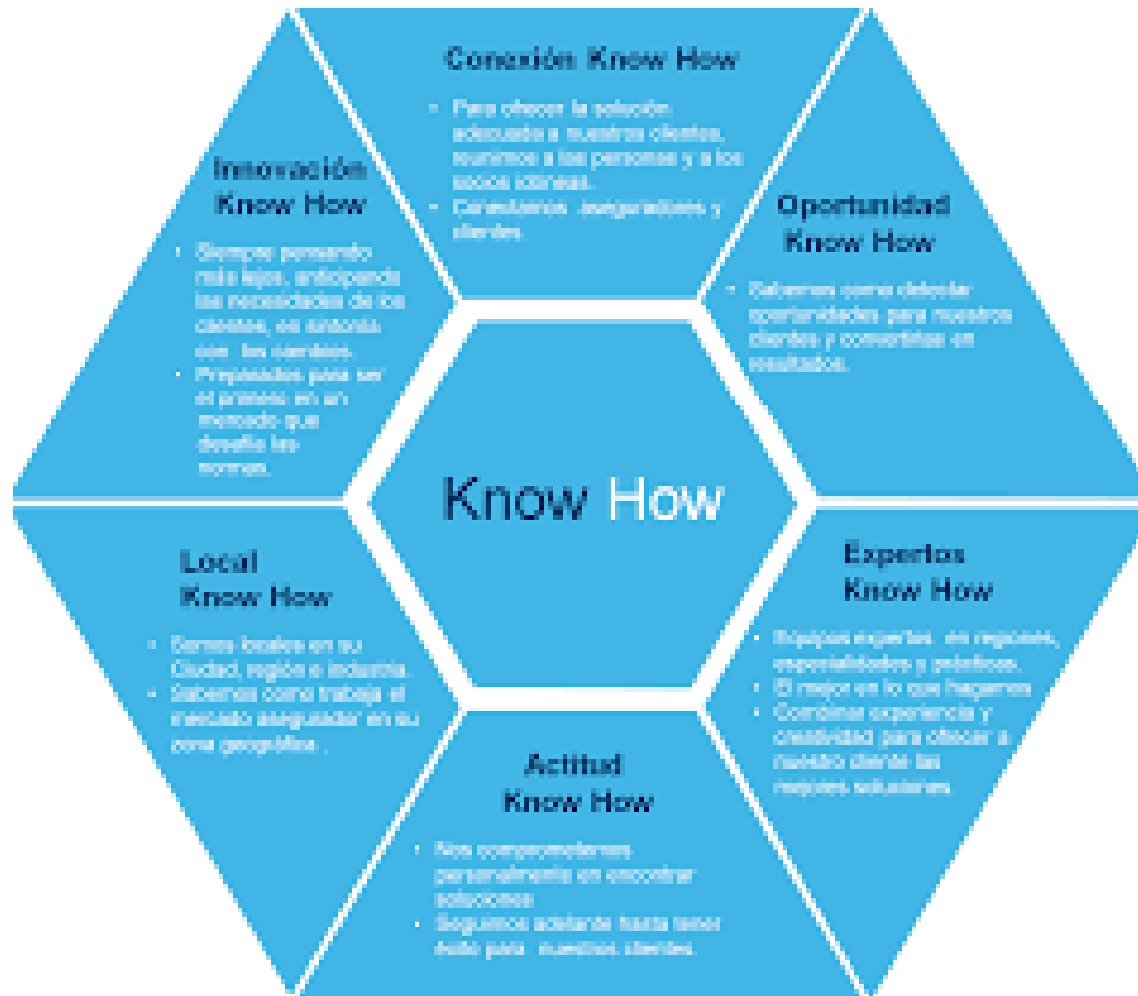
O uso acrescentar que, por sua vez, responder vem de re+spondere: prometer, comprometer-se, garantir, confiar e merecer confiança, de forma repetida, segura, reiterada. Acrescentaria, numa interpretação mais livre, que a liberdade nos compromete, uns com os outros, gerando confiança e compromisso. Uns com os outros, porque responsabilidade é também responder pelos outros; por muita que seja a autonomia, crescente e em construção permanente, de cada um de nós. O que pode levar-nos à solidariedade. Está tudo conectado quando nos referimos ao humano. (F. Guimarães)

# Desafio da autoria e da criação





# Aprender a saber fazer



# Aprender a ser



# Aprender a conviver



# Aprender a crescer juntos



# Scire e Sapere. O desafio do sabor

"Sabemos que, em latim, havia duas formas concorrentes: o *sapere* e o *scire*. De *scire* veio toda a nossa *ciência*. Mas *scire* corresponde à ideia de um conhecimento que apreende o objecto na medida em o *separa*, o *recorta*, o *divide*, em relação às restantes coisas. É um gesto de discernir ou de *distinguir*. O *sapere* aproxima-se das coisas a partir do que elas têm de único: o sabor, o gosto. Sucede que *sapere* se foi sobrepondo a *scire* e deu o *saber* de que hoje dispomos, mas um *saber* que recolheu as características mais puritanas da tradição científica: e fica um *saber* que não *sabe* a nada. "

(Eduardo Prado Coelho. "O encanto radical de Barthes", in JL, 70)

# Desafio do [nosso] desaparecimento

- ENSINAR

[...] ensinar é isso mesmo: é recomeçar até ao nosso necessário desaparecimento como professores. Se não conseguirmos instalar os nossos alunos no presente do indicativo da nossa aula, se o nosso saber e o gosto de o levar até eles não pegarem nesses rapazes e raparigas, no sentido botânico do verbo, a sua existência descambará para as fendas pantanosas de uma carência indefinida. (Pennac, 2007, p. 60)

- Fernando Ilharco *05 de Janeiro de 2017 às 19:53*
- **A pós-sociedade**
- A sociedade global não tem centro, não tem direcção, nem tem perspectiva. É movimento, desequilíbrio e ultrapassagem. É uma sociedade que evolui além do que nos últimos séculos mais nos marcou.

- António Nóvoa
  - Vivemos em sociedades do espectáculo. Em sociedades marcadas pelos media, pela dramatização das notícias, por uma encenação permanente (quotidiana) dos acontecimentos. Tudo é drama. O espectáculo nunca pára. Transformou-se mesmo num modo-de-existência.
  - Vivemos em sociedades da competição. Em sociedades definidas pela concorrência, pela disputa entre pessoas, entre empresas, entre instituições. A competição deixou de ser um “resultado” para passar a ser um “processo” que determina as nossas vidas.

- • Vivemos em sociedades do consumo. Em sociedades organizadas para a compra de bens, úteis e inúteis. O consumismo é uma estranha forma de vida, mas tão familiar que é inimaginável existir sem ele. Faz lembrar a célebre frase de Fernando Pessoa para a Coca-Cola: Primeiro estranha-se. Depois entranha-se.

- Vivemos em sociedades do conhecimento. Em sociedades que se definem por uma procura incessante de novos conhecimentos e tecnologias, por uma quase angustiante necessidade de formação e re-formação, pela sensação de que estamos sempre desactualizados.

Eis quatro tópicos que estão hoje no debate contemporâneo sobre a sociedade e que têm consequências fortíssimas no espaço educativo, em particular no que diz respeito à reconfiguração do trabalho dos professores.

- DISPOSIÇÕES! RELACIONAIS  
Respondendo à sociedade do espectáculo

O professor é, por natureza, um comunicador. Mas este trabalho de comunicação tem estado situado, essencialmente, no interior da sala de aula. É verdade que, num passado longínquo, os professores tinham uma voz pública e eram elementos importantes das elites locais. Mas perderam este papel e, simultaneamente, perderam visibilidade pública. Nos media fala-se muito das escolas e dos professores. Por boas e por más razões. Mas há uma ausência dos professores, uma espécie de silêncio de uma profissão que se voltou para dentro, que se fechou nos muros da escola e que perdeu visibilidade no espaço público.

- DISPOSIÇÕES ORGANIZACIONAIS!  
Respondendo à sociedade da competição

É evidente que os professores sempre foram organizadores de situações de ensino e aprendizagem. Mas, hoje, estas disposições situam-se também no plano da escola como um todo, com o seu próprio projecto educativo. Já não basta uma acção docente no interior da sala de aula. Há muitos problemas que só podem ser resolvidos ao nível da escola, graças a um trabalho colectivo de análise, de negociação. Parece-me absolutamente essencial uma reflexão sobre os modos de organização do trabalho escolar.

- DISPOSIÇÕES! REFLEXIVAS  
Respondendo à sociedade do consumo

O primado do consumo é muito forte nas políticas educativas, através das “ideologias da escolha”, mas também no campo da formação de professores, onde se desenvolveu nos últimos anos um verdadeiro “mercado”. Há hoje uma profusão de cursos, de seminários e de acções que alimentam (e se alimentam de) um sentimento de “desactualização” dos professores. Os pedagogos com a sua eterna necessidade de inovar dão origem, muitas vezes, a modismos passageiros, que colocam os professores na defensiva, cépticos. A moda é a pior maneira de encarar os debates educativos. A moda dispensa-nos de pensar.

- DISPOSIÇÕES DELIBERATIVAS!

Respondendo à sociedade do conhecimento

Chegamos ao último ponto, sem dúvida um dos mais importantes, pois toca directamente no próprio objecto do trabalho docente: o conhecimento. Ainda que a missão do professor só termine quando consegue que este “objecto” se inscreva, seja apropriado, por um determinado “sujeito”.

- O que ensinar?
- Já aqui escrevemos sobre o que deve e não deve ser ensinado. Mas voltamos ao tema:

**“vale a pena ser ensinado tudo o que une e tudo o que liberta. Tudo o que une, isto é, tudo o que integra cada indivíduo num espaço de cultura e de sentidos. Tudo o que liberta, isto é, tudo o que promove a aquisição de conhecimentos, o despertar do espírito científico (...) tudo o que torna a vida mais decente.”**  
(António Nóvoa)

- Edgar Morin -Os sete saberes necessários à educação do futuro
- Há sete saberes “fundamentais” que a educação do futuro deveria promover em todas as sociedades e em todas as culturas.

Ensinar o conhecimento do conhecimento – é necessário introduzir e desenvolver o estudo das características cerebrais, mentais e culturais dos conhecimentos humanos, dos seus processos e modalidades, das disposições físicas e culturais que geram o erro e a ilusão. É preciso conhecer o o que é conhecer, travar o combate da lucidez.

- Ensinar a religar os conhecimentos – a supremacia de um conhecimento fragmentado em disciplinas torna muitas vezes impossível estabelecer a ligação entre as partes e as totalidades. É necessário promover um conhecimento capaz de compreender os problemas globais e fundamentais, as relações mútuas e influências recíprocas entre as partes e o todo neste nosso mundo complexo.

- Ensinar a condição humana – o ser humano é simultaneamente físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico e esta unidade complexa da natureza humana é completamente desintegrada no ensino. Os saberes disciplinares tornam impossível compreender o que significa o ser humano. É preciso restaurar esta unidade e promover de forma integrada, e interdisciplinar a compreensão da condição humana.

- Ensinar a identidade terrena – o destino planetário do género humano é uma realidade ignorada pelo ensino. É preciso ensinar a história da era planetária que começa com a comunicação de todos os continentes no século XVI, e mostrar como se tornaram inter-solidárias todas as partes do mundo, sem ocultar as opressões e dominações que ameaçaram a humanidade e que ainda não desapareceram.

- Ensinar a enfrentar as incertezas – o ensino deveria incorporar as incertezas que surgiram nas ciências físicas, biológicas, históricas e orientar-se pelos princípios de estratégia que permitem lidar com o aleatório, o inesperado e o incerto a fim de modificar o seu desenvolvimento. É preciso aprender a navegar num oceano de incertezas através de arquipélagos de certezas.

- Ensinar a compreensão – a compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. Ora, a educação para a compreensão está ausente dos nossos ensinamentos. O planeta precisa, em todos os sentidos, de mútuas compreensões. A compreensão mútua entre humanos, os próximos e os estranhos, é vital para o desenvolvimento da humanidade e para fazer cessar a barbárie da incompreensão. É preciso estudar as raízes da incompreensão, as suas modalidades e os seus efeitos se quisermos viver em paz.

- Ensinar a ética do género humano – o ensino deve conduzir a uma “antropo-ética”, através da consideração do carácter ternário da condição humana – indivíduo, sociedade, espécie. Neste sentido, a ética indivíduo/espécie necessita de um controlo mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade. Mas o ensino da ética não se confunde com lições de moral, tornando-se necessário o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.